

ACTAS VIII

1º CONGRESSO DE ARQUEOLOGIA PENINSULAR

PORTO
FACULDADE DE LETRAS
12 - 18 OUTUBRO
1993



1º CONGRESSO de ARQUEOLOGIA PENINSULAR

PORTO
SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA
1995

S.P.A.E.
S O C I E D A D E
P O R T U G U E S A D E
A N T R O P O L O G I A
E E T N O L O G I A



TRABALHOS DE
ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

VOL. XXXV (Fasc. 4)

**1.º CONGRESSO DE
ARQUEOLOGIA PENINSULAR**

(Porto, 12-18 de Outubro de 1993)

A C T A S

(Coordenação de Vítor Oliveira Jorge)

Vol. VIII

Capa: Rocha gravada de Penascosa, Castelo Melhor (Rio Côa)
(Paleolítico Superior) (Foto: Vítor O. Jorge)

PORTO
SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA
1995

A PROPÓSITO DA ARTE DO CÔA

por

Antônio Bracinha Vieira*

A arte do Paleolítico superior, primeira arte conhecida da humanidade — que com ela atinge um dos seus pontos culminantes —, exprime a complexa visão do mundo de homens equiparáveis a nós pelo aspecto e as capacidades mentais. A nossa espécie existia já, provavelmente originária de África, desde há 100.000 a 200.000 anos. Só algum tempo após a chegada à Europa das suas populações (entre 35.000 e 30.000 anos antes do presente), que substituíram populações autóctones arcaicas, os homens de Neandertal, se deu início a uma tradição cultural que, apesar de notáveis variações no tempo e no espaço, desenvolveu padrões básicos comuns. Esta sucessão de culturas dotadas de uma matriz unificadora inconfundível, percorreu cerca de 20.000 anos de Pré-história e abrangeu o espaço imenso entre regiões da estepe siberiana e a Península Ibérica.

As imagens desenhadas, gravadas, esculpidas, tanto nas paredes de cavernas como em objectos móveis encontrados nos estratos sedimentares dos solos, reflectem os mitos dessas populações — a relação do homem com o cosmos, com os animais, as estações, os princípios antagónicos em jogo, possivelmente também com o *porquê* e o *para quê* de estar presente no mundo, e as questões universais dos grupos humanos: de onde vêm e para onde vão, em termos de destino.

A caverna, microcosmos labiríntico, mostra-nos uma correlação óbvia mas indecifrada entre as espécies de animais representadas (sobretudo grandes animais) e cada uma delas e signos geométricos e abstractos de várias formas, dispersos junto delas; e também, raras vezes, com a figura humana. Mas esta é representada sob forma híbrida ou em proporções que a distorcem e desfiguram. O “firmamento” de representações da caverna permanece um desafio à nossa compreensão, para além das interpretações sucessivas, algumas admiráveis de rigor e coerência, que dela foram dadas.

* Prof. Catedrático da Universidade Nova de Lisboa.

Nas paredes xistosas que contêm a corrente do Côa, aparecem inscritas, num estilo local belo e sóbrio, indesmentivelmente paleolítico, dessas figurações animais, uma também humana, que parecem saídas das cavernas: a sua magia poderosa cresce ainda pelo mistério da sua idade indetectada (talvez que no fundo das incisões subsistam pólenes fossilizados de que uma observação microscópica revele os géneros e espécies vegetais de pertença, e com eles a paleo-ecologia e a idade provável, igual ou posterior à das gravuras...).

Assim sobreviveram sob o sol e o céu, durante talvez vinte milénios, as gravuras que correm por quilómetros do rio. Quantas se desvaneceram? Quantas restam, que se poderão ainda encontrar? Que nexos as ligam e lhes dão sentido, na interacção da sua forma e da sua disposição no novo espaço? — É como se a caverna (ela própria resultante da acção de um rio subterrâneo) tivesse sido aberta, desdobrada e alongada pelas margens abruptas do Côa, sendo os seus conteúdos não já preservados no interior selado do seu bojo, mas confiados aos elementos, suscitando nova ordenação de signos e sentidos.

Resta-nos procurar o que falta obter; reflectir e comparar o que se nos for deparado, em função do local das gravuras e das suas correlações enigmáticas; procurar provas objectivas; propor teorias e submetê-las à refutação de factos futuros a descobrir. Para tanto, é necessário que o que acaba de surgir do desconhecido permaneça. Que os sinais subtis não sejam aniquilados pela mentalidade titânica e o olhar dos cíclopes.



Episódios de *grooming* social entre cavalos arcaicos. Ribeira de Piscos (Côa).
Foto: António B. Vieira.



GRAVURAS DO CÔA: FUNÇÃO E UTOPIA

por

António Bracinha Vieira*

*"... cada povo tem por sobre si um céu de conceitos matematicamente repartidos, e, por exigência da verdade, aceita que qualquer deus conceptual não possa ser procurado senão na sua esfera."
Nietzsche*

Que as inscrições parietais dos artistas da Idade Glaciária exprimiam complexos sistemas míticos e religiosos, valores superiores da sua cultura, parece um conceito hoje geralmente aceite. A caverna ornamentada, onde se inscrevem imagens de animais e de antropomorfos em conjunto com sinais geométricos que trazem um factor de hermetismo e abstracção, ordena e semantiza os seus conteúdos, que por seu lado a tornam como um cosmos reduzido onde se concentram os elementos de eficácia simbólica.

Foram grandes as variações do modo e estilo das representações ao longo do tempo e de região para região. Mas os padrões básicos da cultura paleolítica no espaço europeu, da Península Ibérica aos Urais (ou da gruta do Escoural à gruta Kapova) mantêm elementos constantes: não apenas o estilo mas o modo de estar-no-mundo e de estar-com-o-mundo dos seus artistas, de combinar os elementos significativos do próprio horizonte existencial das populações do Paleolítico superior.

Devemos atribuir a origem das gravuras de feição paleolítica do Côa, na singularidade da sua representação a céu aberto, à evolução das crenças e abandono da caverna como espaço a sacralizar? ou como um complemento da caverna, lado solar de uma relação dialéctica entre a luz e a sombra? Houve um núcleo de populações que, integradas na tradição paleolítica franco-cantábrica, transpôs os elementos da sua religião e da sua arte para os planos rochosos de vales dos rios?

* Prof. Catedrático da Universidade Nova de Lisboa.